

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

TODA SAUDADE É UMA ESPÉCIE DE VELHICE

Ana Luiza Guedes Ferreira

São Carlos

2022

ANA LUIZA GUEDES FERREIRA

TODA SAUDADE É UMA ESPÉCIE DE VELHICE

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de graduação em Terapia Ocupacional
pela Universidade Federal de São Carlos.

Orientadora: Alessandra Rossi Paolillo

São Carlos

2022

Toda Saudade é uma Espécie de Velhice

Ana Luiza Guedes Ferreira

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de graduação em Terapia Ocupacional
pela Universidade Federal de São Carlos.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Alessandra Rossi Paolillo

Membro da Banca

À Marcely e Jovino, que me deram a vida e,
junto dela, a possibilidade de me encantar.

AGRADECIMENTOS

Obrigada, mãe e pai, por todo o amor e apoio durante minha caminhada de encontro à Terapia Ocupacional.

Obrigada, irmãs, pelo espaço seguro que construímos à base de três corações.

Obrigada, vós e vós, pelo carinho de uma vida inteira e por compartilharem comigo a história de vocês de forma tão doce quando esse trabalho ainda era uma semente, me dando a certeza do caminho escolhido.

Obrigada, João, pelo colo acolhedor e incansável encorajamento.

Obrigada, Alê, por tanta sabedoria compartilhada de maneira tão sensível.

Obrigada, Isa, pela presença afetiva desde os meus primeiros passos dentro da Terapia Ocupacional.

Obrigada, João, por me apresentar o Museu da Pessoa e tantas outras possibilidades de viver junto da Palavra.

“Toda dor pode ser suportada se sobre ela
puder ser contada uma história.”

(Hannah Arendt)

RESUMO

A escolha para esse trabalho de conclusão de curso foi destacar no acervo do Museu da Pessoa a presença de narrativas compartilhadas por pessoas idosas que contam sobre suas histórias de vida e sua relação com a velhice. Para além disso, identificar e ressoar, o que narra a voz do velho. Utilizando a análise qualitativa, foi realizada uma organização técnica em subconjuntos, separados por assuntos, buscando retratar os significados expressos pelos entrevistados. Os temas escolhidos foram: o devir de quem envelhece, a narrativa como atividade humana, a memória para quem narra e o recontar do Tempo. Espero que esse trabalho, assim como o Museu da Pessoa, caminhe na direção da habitação do inabitável, em oposição ao que a vida social passiva prevê, e dê visibilidade e ouvidos à substância de vida que vivificam os velhos: o passado vivo.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional. Histórias de Vida. Velhice. Museu da Pessoa. Memória.

ABSTRACT

This conclusion work was to highlight in the narratives shared by elderly people who describe about their life stories and their relationship with aging process. In addition, identify and resonate, which narrates the voice of the old man. Using qualitative analysis, a technical organization was carried out in subsets, separated by subjects, seeking to portray the meanings expressed by the interviewees. The themes chosen were: the becoming of those who age, the narrative as a human activity, the memory for those who narrate and the retelling of Time. I hope that this work, like the Museu da Pessoa, moves towards housing the uninhabitable, in opposition to what passive social life predicts, and gives visibility and listening to the substance of life that vivifies the elderly: the living past.

Keywords: Occupational Therapy. Life stories. Old age. Museu da Pessoa. Memory.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 01. INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 02. OBJETIVO..... | 15 |
| 03. METODOLOGIA..... | 16 |
| 04. RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 17 |
| 4.1 A MEMÓRIA PARA QUEM NARRA | 18 |
| 4.2 O DEVIR DE QUEM ENVELHECE..... | 19 |
| 4.3 O RECONTAR DO TEMPO..... | 23 |
| 4.4 A NARRATIVA COMO ATIVIDADE HUMANA..... | 24 |
| 4.5 HISTÓRIA ORAL E A TERAPIA OCUPACIONAL COMO PRODUÇÃO DE VIDA..... | 26 |
| 05. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 29 |
| 06. REFERÊNCIAS..... | 31 |

Toda Saudade é uma Espécie de Velhice

“Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com outros acho que nem se misturam (...) Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recente data. Toda saudade é uma espécie de velhice. Talvez, então, a melhor coisa seria contar a infância não como um filme em que a vida acontece no tempo, uma coisa depois da outra, na ordem certa, sendo essa conexão que lhe dá sentido, princípio, meio e fim, mas como um álbum de retratos, cada um completo em si mesmo, cada um contendo o sentido inteiro. Talvez seja esse o jeito de escrever sobre a alma em cuja memória se encontram as coisas eternas, que permanecem...”

Guimarães Rosa. Apud Rubem Alves. Na morada das palavras. Campinas: Papyrus, 2003. p.139.

01. Introdução

O envelhecimento populacional é uma realidade tanto dos países desenvolvidos quanto dos emergentes. Constituindo, assim, um desafio mundial para que seja garantida a participação social da pessoa idosa, sua dignidade e respeito à convivência, na comunidade e no contexto familiar.

Uma pesquisa sobre o envelhecimento populacional no Brasil, realizada pelo Hospital Israelita Albert Einstein, aponta que o grupo etário composto por pessoas acima de 65 anos cresceu de 3,5%, em 1970, para 5,5% no ano 2000; e que a previsão é que esse mesmo grupo deve responder por cerca de 19% da população brasileira em 2050. Junto disso, acontece o envelhecimento dentro da própria população idosa. Provavelmente, também em 2050, idosos com 80 anos ou mais de idade corresponderão a aproximadamente 28% da população. (Nasri, 2008)

Desde a antiguidade, em várias culturas, as pessoas mais velhas são tratadas como empecilho e são abandonadas. Por outro lado, algumas sociedades valorizavam os seus velhos devido às suas experiências de vida e sabedoria, sendo suas memórias e conselhos estimados pelos mais jovens.

Quem conversa com essa temática é o filósofo sul-coreano, Byung-Chul Han, que no livro *Sociedade do Cansaço* escolhe defender que os desempenhos culturais da humanidade se devem a uma atenção profunda, contemplativa. Afirma que a cultura pressupõe um ambiente onde seja possível essa atenção contemplativa e que essa vem sendo substituída por uma atenção dispersa, em que acontece uma rápida mudança de foco, fontes informativas e processos; nesse caminho, existe uma tolerância bem pequena para o tédio. (Han, 2015)

Junto disso, é possível afirmar então que a tolerância segue pequena para o ouvir e o contar de histórias, isso porque se relacionam diretamente com atenção profunda, contemplativa e, conseqüentemente, com a cultura.

Walter Benjamin, também escolheu refletir sobre o tédio e considera o tédio profundo como o ponto alto do descanso espiritual; diferente da inquietação, que não gera nada de novo, só reproduz ou acelera o que já existe. Junto disso, lamenta que o descanso e o repouso estejam desaparecendo cada vez mais na modernidade, principalmente porque acredita que, junto dele, também tenham se perdido os “dons do escutar espreitando” – capacidade para a atenção contemplativa, à qual o ego hiperativo não tem acesso. (Han, 2015)

Sobre a fala de Benjamin, é o “dom do escutar espreitando” que escolho evidenciar nesse trabalho; essa vigília contemplativa que só conhece quem tem o direito de cadenciar. Além disso, vale destacar seu entendimento sobre o ‘narrador’ – quem tem a vida humana como matéria e estabelece com ela uma relação artesanal. (Benjamin, 1993)

Tudo isso diz também sobre os envelheceres, que carregam junto deles o direito – e talvez também necessidade – do demorar-se, da contemplação, do lento. E sobre a desvalorização de tudo o que resiste diante da acelerada produção moderna.

Ao mesmo tempo, salvo as pessoas idosas que moram em ILPIs, existe a necessidade da continuidade das atividades – o próprio trabalho, o cuidar da família, as atividades físicas e sociais – mesmo após a eventual aposentadoria e, com isso, o distanciamento do vivenciar o tédio. Diferentemente do passado, a velhice também

consome e é consumida pelo capital, não restando muito tempo livre ou ocioso para dar esse espaço ao tédio.

O preconceito em relação à idade, isto é, o ageísmo, pode ocorrer em todas as faixas etárias, porém é mais evidente entre a população idosa e de forma geral, as sociedades mais imediatistas e individualistas favorecem essa manifestação. Contemporaneamente, o ageísmo se revela na intolerância e exclusão da participação social da pessoa idosa, marcada pelo preconceito e pelos estereótipos que o alicerça. Assim, a imagem da pessoa idosa é depreciada por ser associada às perdas e finitudes, como a improdutividade, o declínio, a doença, a disfunção, dependência, morte e sofrimento de quem envelhece e daqueles com quem convive. Entretanto, a forma como o idoso lida com as adversidades que ocorrem na velhice, depende dos recursos internos que estruturou durante sua trajetória de vida e permitem, de alguma forma, atribuir sentido e significado às experiências negativas que podem surgir nessa etapa do curso de vida (Teixeira; Souza & Maia, 2018).

Contrário a esse ageísmo que silencia, isola, exclui, agride, diminuiu, deslegitima, despreza, inutiliza, descarta e esvazia a vida, desenhando um cotidiano empobrecido, desinteressante aos olhares apressados dos não velhos, encontra-se o Museu da Pessoa, que através do registro das histórias de vida, com elaboração de acervo e publicização dessas histórias, pode favorecer o enfrentamento e superação da condição de invisibilidade social e apagamento da pessoa idosa.

O Museu da Pessoa é um espaço virtual e colaborativo de histórias de vida, com a missão de transformar a história de toda e qualquer pessoa em patrimônio da humanidade, através do registro, preservação e da divulgação dessas histórias. (Museu da Pessoa, [S.I])

Essa ideia de que todo ser humano tem o direito de eternizar e integrar sua história à memória social, deu origem ao museu virtual. O Museu foi fundado em São Paulo, no ano de 1991, mesmo antes do surgimento da internet e abriu seu espaço virtual para receber histórias pela internet em 1997. Hoje é uma rede internacional, com iniciativas em Portugal, EUA e Canadá. (Museu da Pessoa, [S.I])

O Museu desenvolveu uma metodologia própria de trabalho - coleta, organização e difusão do material - e em 2009 criou também a Tecnologia Social da Memória, como apoio material e conceitual incentivador para que pessoas, comunidades e instituições registrem suas histórias. (Museu da Pessoa, [S.I])

Ao longo de sua trajetória, realizou perto de 300 projetos de memória nas áreas de Preservação e Disseminação do Acervo, Conte Sua História, Educativo e Memória Organizacional. Em 29 anos de história, construiu um acervo de mais de 18 mil Histórias de Vida e mais de 60 mil fotos e documentos. (Museu da Pessoa, [S.I])

Além da visita ao museu e da possibilidade de se tornar parte do acervo ao registrar sua história de vida, a participação e colaboração ao museu pode acontecer através do voluntariado, no processo de transcrição e revisão das histórias de vida antes da publicização no site, e da curadoria, um espaço de criação livre de coleções de histórias, imagens e/ou vídeos. (Museu da Pessoa, [S.I])

O Museu da Pessoa acredita que a escuta torna possível a transformação de olhares e que ter um museu em cada mão é o caminho para a democratização da memória e para uma sociedade conectada por experiências de vida, sentimentos e emoções, caminho esse que vai em direção contrária à intolerância. (Museu da Pessoa, [S.I])

E foi essa a escolha para esse trabalho de conclusão de curso, criar uma coleção de histórias no museu – “Toda saudade é uma espécie de velhice” – que de alguma forma falasse sobre a velhice; para escutar, acolher, pensar e honrar com os olhos, os ouvidos e o coração a potência que carrega uma memória, como me ensinou a Terapia Ocupacional. Para além disso, destacar e ressoar, o que narra a voz do velho.

Em seu livro *Memória e Sociedade*, Ecléa Bosi nos coloca em reflexão sobre o lugar do passado e da memória na vida do homem adulto e na vida do velho. Segundo ela, o homem adulto ativo não se ocupa com o passado por muito tempo, mas quando isso acontece, é como se o passado acontecesse em forma de sonho, a memória é fuga, arte, lazer, contemplação. É um momento de separação ou quase

distanciamento de sua vida prática, momento de tentativa de entendimento do que ainda se vive. (Bosi, 1994)

Bem diferente disso é como o velho, que já viveu sua vida prática, se envolve do passado. Ao recordar o velho não descansa por algum tempo de seus afazeres cotidianos, não acontece como uma entrega ao sonho e contemplação, acessando o seu passado, ele está se ocupando consciente e atentamente, da sua própria substância de vida. (Bosi, 1994)

De modo geral, o velho não se satisfaz em guardar para si as lembranças das quais ele se ocupa e que dele se ocupam, ele procura precisá-las, ele chama outros velhos para o encontro delas, traz ao presente seus velhos papéis, suas antigas cartas e se propõe a narrar quando não consegue abrigá-las e mantê-las de outra forma. (Bosi, 1994)

Neste momento de velhice social, em que a pessoa madura deixa de ser um membro ativo da sociedade, dentre tantos papéis já desempenhados que dele se desapropriam, resiste um papel próprio: o de lembrar, o de ser memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (Bosi, 1994)

Em acessório a isso, Mariângela Quarentei, terapeuta ocupacional, nos convida, através do entendimento da Terapia Ocupacional como Produção de Vida, a tornar visível a potência que existe no cotidiano e nas atividades que nele se tornam matéria de vida.

Quarentei nos chama a olhar para a potência do vivo, do que revigora e é capaz de ir além do que a vida social passiva prevê; a habitar o inabitável. Além disso, nos direciona ao reencontro do pulsar da vida na simplicidade da existência. (Cardinalli; Castro, 2019)

Nessa perspectiva, a Terapia Ocupacional pensa a vida humana por meio da atividade – que carrega em sua essência significações culturais, sociais, históricas, econômicas – no mundo e a entende como afirmação da ação e criação de territórios de existência pelos indivíduos. Isso nos leva a importância de cuidar dos encontros: indivíduo – outro indivíduo – grupo – atividades – mundo; e de buscar atividades-

conexões tão potentes que nos levem a entender quais forças, formas e encontros nos fragilizam e paralisam. (Cardinalli; Castro, 2019)

Quarentei nos aponta também a necessidade de se operar na Terapia Ocupacional um delicado e intenso processo de apreciação dos fazeres e atribuição de valores dos modos de estar no mundo. Saber o que ilumina o olhar ou o apaga! Para ela, a apreciação da atividade e do que ali nos acontece, são instrumentos para a tomada de consciência e apropriação do sujeito diante de sua potência no mundo, para o seu auto posicionamento na experiência, para a afirmação de sua vida, efetuação de movimentos de expansão de vida e para o engendramento de novos começos, novas formas de viver. (Cardinalli; Castro, 2019)

A importância da atividade humana está na produção de vida e de afetos, na ativação da potência da invenção e reinvenção, na relação com grupos em diferentes processos de vulnerabilidade e marginalização, sem que dessa interação precise surgir categorizações ou diagnósticos; a vida é que o basta para que o saber-fazer da Terapia Ocupacional se faça presente e haja possibilidade de intervenção. (Cardinalli, Castro, 2019)

O que nos cabe é refletir e afirmar as atividades, matérias de vida, que fazem parte do envelhecer. Se o rememorar é o que move o velho, essa atividade humana não pode ser vista como paralisação, o que nos leva a questionar sobre o que está envolvido na configuração de territórios existenciais dedicados à conservação e a quem conversa a memória. Espero que esse trabalho, assim como o Museu da Pessoa, caminhe na direção da habitação do inabitável, em oposição ao que a vida social passiva prevê, e dê visibilidade e ouvidos à substância de vida que vivificam os velhos: o passado vivo.

02. Objetivo deste trabalho

Destacar no acervo do Museu da Pessoa a presença de narrativas compartilhadas por pessoas idosas que contam sobre suas histórias de vida e sua relação com a velhice. Junto disso, identificar e apontar as temáticas vindas do contar das pessoas velhas.

03. Metodologia

O site do Museu da Pessoa nos permite, durante a visitação, a leitura das histórias e projetos, a criação de coleções e o tornar-se parte do acervo; para mais, nos possibilita uma busca avançada pelas histórias e relatos. Nessa busca avançada, é possível buscar por coleções, histórias, pessoas, imagens ou vídeos.

A busca por *Histórias*, por exemplo, nos permite a busca por temas, pelo nome do autor ou personagem, pela data de registro da história ou por depoimentos realizados em um determinado período de tempo.

Para essa pesquisa, somente a palavra “velhice” foi usada como busca. Dessa busca resultaram 128 histórias.

Para a seleção das histórias de vida, consideramos as narrativas de vida feitas por pessoas com mais de 60 anos – baseado no ano de publicação da história no site –, histórias de vida com a entrevista completa disponível, narradas pelos próprios autores dessas histórias e relatos estruturados no modelo de uma história de vida.

Histórias de vida de pessoas com menos de 60 anos, histórias de um indivíduo contadas por outro, entrevistas não completas e relatos de experiências que não estavam estruturados no modelo de uma história de vida, não foram consideradas nessa pesquisa.

Foram escolhidas então 69 histórias de vida para compor esse trabalho. Elas estão todas disponíveis em uma coleção chamada “Toda saudade é uma espécie de velhice”.

As 69 histórias foram lidas integralmente e, a partir de uma análise qualitativa, temas predominantes – relacionados ao envelhecimento – foram destacados.

Ao pensar sobre a análise qualitativa, Minayo diz que o verbo principal desse método é compreender. Afirma ainda que compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro e que, para compreender, é preciso levar em conta a

singularidade do indivíduo e saber que a vivência de uma pessoa é envolvida pela cultura do grupo em que ela se insere. (Minayo, 2012)

Ainda sobre a compreensão, Minayo reflete ser um processo parcial e inacabado - tanto o do entrevistado, como o do pesquisador – sabendo que somos limitados no que compreendemos e interpretamos do mundo. (Minayo, 2012)

O interpretar é colocado, também por Minayo, como um ato contínuo que sucede à compreensão e está presente nela, sendo a apropriação do que se compreende. O interpretar diz respeito a elaborar as possibilidades projetadas pelo que é compreendido. (Minayo, 2012)

Sabendo disso e da possibilidade apontada por Minayo de se realizar, dentro da metodologia da análise qualitativa, uma organização técnica em subconjuntos e separados por assuntos, buscando retratar o significado que os entrevistados expressam e, ao mesmo tempo, incorporando o interlocutor como alguém que interfere e modifica o desenvolvimento do estudo – tendo a reflexividade como ação permanente –, os temas escolhidos foram: o devir de quem envelhece, a narrativa como atividade humana, a memória para quem narra e o recontar do Tempo.

Junto disso, o pensar de Ecléa Bosi e da Terapia Ocupacional como Produção de Vida, surgiram para participar da discussão.

04. Resultados e Discussão – A Memória para quem Narra, O Devir de quem Envelhece, o Recontar do Tempo e a Narrativa como Atividade Humana

Nesse tópico dos resultados obtidos e sua discussão, acontecerá então uma costura entre trechos das histórias de vida que trazem os temas que dão nome aos subconjuntos, junto de reflexões que buscam alcançar uma compreensão ligada à produção científica desses mesmos temas. Os trechos foram selecionados de forma espontânea e também de forma que pudessem conversar com outras narrativas que trazem relatos similares.

A Memória para quem Narra

“Eu ainda tenho uma porção de coisas escritas, uma hora que vocês tiverem tempo e estiverem dispostos a ouvir muita coisa, eu ainda tenho alguns artigos que eu escrevi no jornal, que escrevia do Rio Canoas, falava do tempo de passear no jardim, namorar, a quermesse com a namorada, você mandar correio elegante, mandava correio elegante lá na quermesse. Na época das quermesses você arrematava aquilo dali, participava de uma porção de brinquedos, de coisa, né? Hoje você não vê mais essas quermesses, essas coisas, você não tem mais nem tempo de mandar correio elegante pra... porque hoje o fulano já mora e já vai pra outros lugares aí, uma série de coisas, que eu acho que um pouco dessa poesia acabou.” (Tércio Torres de Sá, 78 anos no momento da entrevista)

“Olha, eu sou um defensor da memória. Eu acho que nenhum povo pode ir pra frente, pode continuar sendo povo se ele não tiver... não tiver registrado a memória do passado.” (Hélio Lins Marinho Falcão, 81 anos no momento da entrevista)

“Bem ou mal é sempre gostoso falar da sua vida, você se sente até importante, você se sente... puxa vida, eu vivi. Nesses momentos todos, cutucados por vocês duas, provocados por vocês duas, eu percebi que eu vivi uma vida. Coisas que estavam lá no inconsciente ou no subconsciente, estavam lá, de repente vocês me fizeram ir lá e começassem a revolver tudo isso, fosse buscar coisas lá do fundo. Para mim, eu me senti, eu, eu como gente, como pessoa, como Luis Carlos Vallejo, eu me senti valorizado. E isso é importante. Eu agradeço a vocês, peço desculpas de eu ter falado tanto. Você me falou que eram duas horas e meia, e eu não sei há quanto tempo estamos aqui. Eu sou o culpado de falar tanto.” (Luiz Carlos Leite Vallejo, 61 anos no momento da entrevista)

“E até chegar nesse ponto, você já passou 20 anos da vida, você não vê, você não vê, sabe? Fica uma coisa nas saudades. É bom viver, é triste ficar velho, mas as lembranças sustentam. Essas coisas boas da vida sustentam até a velhice. Realmente, porque você lembra de tudo isso e nunca um ser humano deve chegar nos 70, 80 e falar: “Tô velho”, não, inventa coisa pra fazer. Isso é uma velhinha falando uma história de vida, não sei se é boa, se é ruim, mas é a que eu vivi.” (Olga Giongo, nasceu em 1937)

“Porque, por exemplo, meu marido trabalha com a memória. Se a gente não tem memória, a gente não tem passado, não tem nada. Então, acho preservar a memória uma coisa, assim, muito importante. Quer dizer, trabalho pela memória não podia ser nada que fosse contra não preservar a memória, né? Porque são histórias. E cada história é uma história, né? É uma vida, uma experiência. Eu achei graça de uma amiga minha porque ela disse assim: "eu nunca

coloco botox, porque cada ruga que eu tenho é uma experiência vivida". Eu digo: "não, você bota suas experiências no papel, e bota botox pra não ter ruga". Ela ficou danada comigo, morreu de rir. Porque aí todo mundo participa, entendeu? Porque você lê." (Maria Lucia Braz de Aguilera, 62 no momento da entrevista)

"Pobre é um povo que não tem memória". Daí eu faço isso com as minhas filhas. Eles me procuram pra ver se eu tenho a resposta, muitas vezes. Virei um ponto de referência, nesse sentido. Eu sou grato a Deus por isso, porque eu sou uma pessoa normal da comunidade sem nenhum atributo, mas fico grato que eu posso ajudar alguém. Sou multiplicador de informação, faço questão de informar. Mas a gente tem que bater sempre nessa tecla, mostrar para que valorize." (Averaldo Nunes Cordeiro, 66 anos no momento da entrevista)

"Ah, eu fico muito agradecido a vocês porque assim também seja alguma coisa que fique registrado para o nosso futuro, o futuro de filhos, de netos, de bisnetos para saberem alguma coisa do Brasil, como o Brasil começou e como ele está agindo, a reação que está tendo, né, isso é muito importante." (Oldemar Duarte Farias, 77 anos)

Assim como as falas de Tércio, Hélio, Luiz Carlos, Olga, Maria Lucia, Averaldo e Oldemar, colocações como essa surgiram muitas outras vezes durante a leitura das histórias de vida, isso porque, como Bosi nos propõe, se as lembranças afloram para os velhos, quase sempre são uma tarefa, uma tarefa de auto aperfeiçoamento, de reconquista, uma paciente reconstituição. Quando rememoram, desempenham uma função para a qual se sentem maduros, a de unir o começo e o fim. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado e compreendido muita coisa traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância. (Bosi, 1994)

O Devir de quem Envelhece

"Bom, como eu ia dizendo pro senhor. Quando eu cheguei aqui eu fui na prefeitura pedir trabalho. O prefeito disse pra mim: "oh, você tá pra morrer, o senhor cai no meio da rua e vai dar trabalho pra nós". Eu falei: "o que eu vou fazer?". "Não, mas você dá por aí, vai ver se arranja algum trabalho. Pode ser que você tenha sorte e entrar numa firma, pra juntar ferro". Chegava numa firma ninguém me dava trabalho. Eu morava num barraquinho de tábuas alugado. Dentro do esgoto, quando a água vinha carregava tudo o que a gente tinha. Era dentro de esgoto mesmo." (Germano Araújo da Silva, 121 anos no momento da entrevista)

Para ser narrador, doar a sua própria experiência para transformá-la em experiência dos que o escutam, pouco espaço é dado ao idoso.

“P/1- O que você achou de contar um pouco dessa sua história?

Contar um pouco dessa história é maravilhoso. O mundo inteiro saber do que a gente, algumas mulheres, passam - algumas não, todas as mulheres têm uma história a contar. E essa história foi contada... Um pedaço, mas ter registrado eu acho superimportante.

P/1 - E a sua história, né, Maria?

Minha história, a história da minha vida. Eu agradeço de coração tanto a quem pediu para contar como a você, que fez essa entrevista comigo, eu agradeço de coração. “ (Maria Jucá dos Santos Jucá, 60 anos no momento da entrevista)

“Eu sei, estou bem a par da finitude da vida, eu tenho o quê? Alguns anos de vida, se tanto. Evidentemente a probabilidade de morte cresce com a idade, cheguei até aqui, estou satisfeito, já estou acima da vida média brasileira. Mas tenho, gosto de deixar alguma coisa registrada, especialmente com esses meios modernos de vocês, uma coisa muito interessante. Gosto de divulgar, acho que as pessoas que me ouvem, de um modo geral, aproveitam alguma coisa. Um pouco da minha conversa é um blábláblá inútil, é um parágrafo sem sentido. “ (Nilo Alge, 74 anos no momento da entrevista)

Bosi nos afirma: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo jovem. (Bosi, 1994)

“Esse menino chega pra mim e me perguntou o que era isso aqui que estava no meu colo, disse: ‘O que é que é isso?’ Eu digo a ele: ‘Olha, isso aqui é um filá’. Filá é um chapéu, né, é um filá. Botei na cabeça. Ele olhou pra mim, falou assim: ‘Ah, então, vamos brincar de velho’. Quer dizer, ele me disse que a velhice era uma brincadeira, a velhice era uma brincadeira. Que eu era gente tanto quanto ele, ainda estava em condições de brincar, brincar de velho, que a velhice é uma coisa, tá entendendo? Que a pessoa pode sentir porque pode brincar de ser velho. Quer dizer, pra ele, eu não sou velho, eu sou gente. Isso é uma lição que a gente aprende com criança, entendeu? Eu vivo assim, sabe, procurando aprender fazendo muita pesquisa, faço muita pesquisa. “ (Oldemar Duarte Farias, 77 anos no momento da entrevista)

Afirma ainda que ser velho na sociedade capitalista é sobreviver. Segundo Bosi, a velhice não existe para si: sem projeto, barrada de lembrar e ensinar à medida que

a memória se torna cada vez mais viva, a velhice existe para o outro e esse outro é um opressor. (Bosi, 1994)

Assim como observa Bastide, vale lembrar que no que diz respeito às doenças que a velhice pode trazer, que não se deve confundir senilidade, que é um fenômeno patológico, com senescência, que é um estado natural dentro do ciclo da vida; e ainda ressaltar o questionamento: a senilidade é um efeito da senescência ou um produto artificial da sociedade que rejeita os velhos? (Bosi, 1994)

“Ah você é louca, mamãe, quando era nova, que papai foi embora, nunca quis saber de ninguém, agora que ela tem quase 70 anos, você acha que ela vai querer alguém? ” Ela falou: “Olha, os filhos do Senhor Américo, minhas filhas, ele falou que os filhos não mandam nele, mas vocês mandam em mim, mas se vocês deixarem, nós queremos casar. ” Eu olhei para minha irmã, e ficamos as duas com cara de boba. Minha irmã falou: “Nossa! ” Aí ela falou: “Não é porque eu sou uma velha sem vergonha, nós não vamos casar por causa só de sexo, é porque a gente é companhia um do outro, a gente se entende, a gente conversa, lê o jornal junto, assiste o filme na televisão, então, se vocês não se opuserem...” (Jacy Orminda Buttignon de Noce, 66 anos no momento da entrevista)

“Esses netos vão visitar a vó pouquíssimas vezes, porque também não conseguem só escutar: ‘Eu não estou bem, eu estou cansada, me dói aqui, me dói ali’, não sei o quê. Então, o afastamento acaba acontecendo ou por isso, ou por preocupações dessas pessoas... ” (Maria Sylvia Farina Matos, 60 anos no momento da entrevista)

A impotência que existe em transmitir a experiência, quando os meios de comunicação com o mundo – a memória, a oralidade, o corpo motor – falham, os impedem frequentemente de vivenciar ocupações que os conecta a fazeres-matéria de vida. (Bosi, 1994)

Mas ainda dentro dos questionamentos, Bosi nos convida a meditar sobre nossas capacidades, que pra continuarem vivas dependem de nossa atenção a elas – que geram vida –, de um projeto; e nos pergunta: de que projeto – pessoal ou social – o velho participa agora? (Bosi, 1994)

“Que o “Pedrão” me leve calmamente. Sabe o “Pedrão”? Me leve calmamente. De tudo aquilo que a gente vê no dia a dia, né? E eu quero ver se eu não fico gagá. Talvez já esteja um pouquinho. Mas não quero ficar.... ” (Alois Bianchi – dados insuficientes para definir a idade)

“Esse aí são umas coisas que eu não posso nem ditar. Os passados, né senhor. Tanta gente que passa. Ô gente, eu ainda lembro de alguma coisa porque eu tenho uma cabeça boa. Eu sei lá, não tô caducando ainda. Eu acho que eu tô. É capaz de estar falando alguma coisa errado, mas mentindo eu não tô. “ (Germano Araújo da Silva, 121 anos no momento da entrevista)

“Eu vou ser bem honesta com vocês: a minha memória, eu gostaria que ela estivesse melhor, porque chega uma hora em que seu chip dá uma cansadinha. Mas vocês fizeram-me lembrar bastante coisa e isso é bom, é gostoso. Gostaria de ter lembrado de mais pessoas.” (Rosimeire Retamero – dados insuficientes para definir a idade)

“Pode parar aí que agora aí que a velhice aí me deu um branco. ” (Hélio Lins Marinho Falcão, 81 anos no momento da entrevista)

“Tem hora que me dá um branco. Às vezes eu esqueço o que eu vou falar. Mas eu sei que era muito bom, viu? “ (Ana Maria Santos – não sabe precisar o ano em que nasceu)

“Ah, meu Deus! Eu esqueci. Esse esquecimento que eu tenho e que é... Eu estou esquecendo todos os anos. Não sei se é a velhice.... Não sei o que é. E eu tomo Hydergine, já tomo para não esquecer. ” (Alegra Saragossy, 109 anos no momento da entrevista)

“Era um teco-teco, né? Chamava-se.... a velhice é uma tristeza, né? Mas ainda vou lembrar qualquer hora. “ (Carlos Nunes de Lima, 96 anos no momento da entrevista)

“Eu quero realmente envelhecer ao lado de minha mulher, vendo nossos netos crescerem. A essa altura você não tem grandes coisas a realizar. ” (Moysés Isaac Kessel, 73 anos no momento da entrevista)

“Bom, depois que eu parei de trabalhar, a minha vida ficou, assim, meia monótona, né? Mas, eu tenho muitos médicos. Eu tenho, todo dia, um programa com médico. Porque como diz a minha amiga que é meu prazo, é prazo de validade. Hoje mesmo eu vim. Eu estou com tendinite aqui. Inflamação no dorso espinhoso do braço direito. Tanto é que fui fazer uma terapia. E eu fui, então todo dia eu tenho um médico. À parte, de eu ter o médico, caminho. Eu faço ginástica. Eu leio demais, adoro ler. Eu prefiro ler do que ver televisão. Então, eu tenho quatro livros me esperando. E toda sexta-feira, eu tenho um compromisso com o Centro Espírita, que eu trabalho, porque eu sou médium. E domingo eu vou meditar em Vargem Grande com os budistas. Isso me lava a alma. É uma coisa, assim, que vicia. Até vicia, sabia? O dia que eu não vou, o domingo que eu não vou passar parte da manhã lá, meditando e

respirando, eu sinto falta. E saio com as minhas amigas do Sion, vamos..., a gente se reúne, vai a um chá, vai...” (Maria Lucia Braz de Aguilera, 62 anos no momento da entrevista)

“P/1- O que a senhora gosta de fazer hoje em dia, dona Tuba?

Hoje em dia, eu gostaria de fazer muita coisa. Eu gostaria de ir no cinema, no teatro, viajar mais um pouquinho. Eu queria ir para Cuba. No ano passado, eu estava pensando ir para Cuba. Agora não. Eu vejo que agora não dá mais. Não dá mais com essa idade. Eu tenho que me confirmar. Tocou o telefone, eu levantei depressa para atender o telefone e dei uma queda em cima do braço. Era domingo, às 16h, fiquei deitada no chão porque não conseguia nem levantar, nem chamar, nem nada. Fiquei das 16h até às 22h30 no chão, deitada em cima do braço quebrado. Aí, eu amassei todo esse braço direito. Bom, depois disso, acabou os sonhos de viagens, de querer muita coisa. Agora, eu já não ando direito, então eu pus na cabeça que por velhice. Porque vocês vêem gente velha andando se arrastando. A semana passada, os meus filhos estavam meio sentimentais porque, às vezes, eles não têm tempo para pensar. ” (Tuba Schor, 89 anos no momento da entrevista)

Em seu livro *Memória e Sociedade*, Ecléa Bosi nos aponta uma proposta contra os danos do tempo: que durante a velhice a gente se ocupe e povoe de causas que transcendem, que não envelhecem e que dão significado aos nossos gestos cotidianos; ainda que Simone de Beauvoir pondere que se o aposentado se encontra com a falta de sentido da vida presente, provavelmente isso acontece porque em todo o tempo o sentido da vida lhe foi roubado e sua força de trabalho esgotada. (Bosi, 1994)

O Recontar do Tempo

“E assim, gostei de falar da minha vida. Eu acho que eu nunca tive essa oportunidade. Eu nunca antes falei tanto da minha trajetória pessoal. E há inclusive, porque às vezes você tenta contar para alguém, as pessoas não têm paciência também para ouvir, né? Às vezes eu até tento contar para algum advogado mais novo do escritório e coisa, você começa a contar: “Olha, teve uma greve...” Porque começa a ficar aquela coisa de velho, né? Você quando começa a recordar muito, percebe que saudade é um pouco de, tem uma certa dose de velhice, né? Você começa a contar muito essa história o cara não tem muita paciência. “Ah, tá, é legal.” Mas, então assim, achei muita, achei uma experiência gostosa. Eu gostei de fazer isso.” (Ericson Crivelli, 62 anos no momento da entrevista)

Bosi, quando conta sobre a narrativa, diz também sobre o contato com tempo original e interior, que está em constante tensão contra o tempo organizado pelo sistema. Dentro desse processo de narrativa, a ordenação no recontar – que é sempre um ato de criação – obedece a uma lógica afetiva que se baseia nesse tempo interior. (Bosi, 2003)

Nesse caminho da lógica afetiva, podemos ainda adicionar uma reflexão sobre o ritmo da palavra. Bosi afirma que se a palavra é espacializadora, a fala parece se aproxima da intuição do tempo, que é uma leitura interna da duração. Essa mesma intuição é capaz de apreender o movimento contínuo do devir, tão ligado ao envelhecimento. (Bosi, 2003)

Textos de Gagnebin e Benjamin, que trazem o narrar, a cura e a rememoração como temática, são evidenciados por Bosi. Benjamin aponta a rememoração como salvadora do passado, e diz que, nos depoimentos biográficos, é evidente o processo reconhecimento e de elucidação. Gagnebin diz ainda sobre a função curativa das histórias, quando, por exemplo, a mãe, sentada junto ao leito da criança, desperta-lhe outra vez o gosto pela vida. (Bosi, 2003)

Pontos todos de reflexão que podemos encontrar, em outras palavras, na fala de Ericson Crivelli ou de quem escolhemos ouvir de forma cuidadosa.

A Narrativa como Atividade Humana

“O meu dia hoje é um dia esperançoso porque eu me sinto gratificado por vocês me receberem com essa atenção maravilhosa. Eu tenho certeza que é permissão de Deus porque isso tem que chegar a conhecimento, a verdade tem que chegar a conhecimento. A verdade fica escondida um pouco, mas depois ela aparece, por isso que eu me sinto maravilhado. “ (José Francisco da Silva, 71 anos no momento da entrevista)

“E se eu não falei nada que prestasse também, vosmecês vão me desculpar, porque nós tamos proseando. Pra mim eu tô aqui batendo papo com vocês. Tô muito satisfeito, muito, eu agradeço de estar com vosmecês. Tão alegre, satisfeito, pra mim parece que eu tô aéreo. Pra mim é uma esperança. Uma alegria tão grande que parece que eu encontrei com Jesus, minha mãe, meu pai, minhas avós, que tão tudo no céu. E Deus que abençoe à todos. “ (Germano Araújo da Silva, 130 anos no momento da entrevista)

“Olha, isso aqui, eu estou muito... Adorei. Isto aqui para mim é um desabafo para mostrar, porque ninguém nunca perguntou nada para mim...” (Henrique Silveira, 85 anos no momento da entrevista)

“P/1- Tá certo, dona Ângela. Para finalizar então...”

Ai, que pena. Estou me sentindo a própria artista.

P/1- E o que é que a senhora achou de ter vindo dar essa entrevista, participar desse projeto?

Nossa. Eu fiquei muito honrada de vocês lembrarem de mim. E acho um projeto que vai estar, vai galgar muitos degraus. Eu acho que é um projeto bonito. Eu gostaria de ir no museu mesmo, né? ” (Ângela Maria Rocco Prates da Fonseca, 87 anos no momento da entrevista)

“Olha, ao mesmo tempo que a gente se sente velho, aquilo que eu falei com você antes lá no café, [risos] quando você está sendo um arquivo vivo é preocupante, né? [risos] Vi entrevista com o Cartola, depois o Cartola pifou, entrevista não sei com quem, Noel Rosa, e... [risos], não é? Mas tirando isso tudo, essa brincadeira, eu me sinto é lisonjeado de ter participado, gostei muito. Espero poder ter contribuído, porque eu sei que isso aí vai ser feito triagem, e eu sei que tem outras pessoas que poderiam dizer muito mais do que eu, com mais autoridade inclusive. Mas eu gostei de participar, porque sentado aqui eu reví, revivi tempos que às vezes até já estava apagado na memória, né? Mas que fizeram parte da minha vida. É isso aí. “ (Armando Álvares de Campos Cordeiro, 69 anos no momento da entrevista)

“Muito interessante, porque eu mesmo, eu agora nessa entrevista com você, veio recordações que eu já nem lembrava mais. Tem tantas coisas que a gente vai relembando, essa coisa toda, e é uma coisa extraordinária. Eu fico até muito agradecido a vocês por essa atenção e me causou até surpresa, fico muito grato, porque rememorar um passado, né, que a gente deixa, eu poderia ficar aqui o dia inteiro conversando...” (Renaldo Perez, 87 anos no momento da entrevista)

“Não. Queria dizer que estou muito satisfeito. Meu agradecimento aqui à organização é sincero, não é um agradecimento formal. Estou muito satisfeito, o que objetivava consegui quando me candidatei a esse relato. Consegui. Acho que a equipe muito boa, muito adequado. Até instigante! Só espero que tenha também satisfeito vocês, como vocês me satisfizeram. ” (Nilo Alge, 74 anos no momento da entrevista)

As atividades humanas, como qualquer atividade do vivo, estudadas e entendidas por Quarentei dentro da Terapia Ocupacional como Produção de Vida, de modo algum devem ser vistas apenas como tarefas a serem realizadas na intenção de produzir produtos ou adquirir habilidades; atividades humanas são acontecimentos de vida, acontecimentos de vida vinculados à necessidade de sobrevivência e crescimento pessoal, social, cultural e ao mistério do que nos move e carrega a potência de expressão-criação de mais-vida de tudo que é vivo. Tudo o que é vivo caminha em direção a isso que Quarentei chama de mais-vida. (Quarentei, 2001)

Entender toda e qualquer atividade como acontecimento de vida nos leva a afirmar que elas sempre carregam múltiplos sentidos junto de si e que, junto a isso, são atravessadas pelos afetos-força que nos formam e nos povoam. Esse mistério que nos foi colocado e que nos move não é magia, é a potência que a ação gera e reflete matéria de vida. (Quarentei, 2001)

Estamos o tempo todo em atividade e os Terapeutas Ocupacionais, por se dedicarem a esses fazeres em sua atuação, percebem a agem sobre os efeitos dos encontros entre as atividades e corpos, compondo e descompondo forças e sentidos para os indivíduos. Algumas tarefas podem produzir repetição vazia e mortífera, exclusão e submissão. (Quarentei, 2001)

Em épocas de desemprego idosos são especialmente discriminados, obrigados a aceitarem serviços nocivos à saúde e com baixa remuneração. Dele esperam o braço servil e não o conselho, função pra qual se preparou uma vida inteira para desempenhar. (Bosi, 1994)

História Oral e a Terapia Ocupacional como Produção de Vida

A Produção de Vida, segundo Quarentei, acredita que o ideal é que nos ocupemos das atividades e não mais sermos ocupados por elas. Baseada em pensamentos de Deleuze e Guattari, traz a ideia de atividade como territórios existenciais, entendendo que elas podem ser nosso chão, lugar para nos deslocarmos, transitarmos e existirmos. (Quarentei, 2001)

“Eu gostaria que todos os idosos descobrissem a sua cidadania, que eles sejam politizados. Eu prego muito isso nas pastorais. Politizados, que eles reconheçam a força maravilhosa que

eles têm, que é o voto, que eles têm que votar até o fim da vida deles, escolher bem e cobrar, fazer cobrança. E que ele se sinta cidadão, ele fez parte, ele construiu essa cidade. Que seja reconhecido pela sociedade e que a família reconheça o idoso, não faça o idoso sofrer tanto, que reconheça, isso aí que eu gostaria. Os velhos todos sorrindo, todos participando, como tem os clubes de idosos hoje, fazendo seus passeios alegres e felizes, reconhecendo que, no fim da vida ainda é o começo de uma felicidade. ” (Irmã Maria Luiza Nogueira, 73 anos no momento da entrevista)

“Então lá em Recife eu cultivo flores, jardins, eu tenho orquídeas, que estou participando também e... Isto tem uma chácara e essa chácara tem uma casa e tem uma parte de flores, jardins. Eu preservo uma mata, todos os anos planto muitas árvores. Umas quatrocentas, quinhentas árvores por ano eu planto. E dedico também à orquídea. ” (Henrique Silveira, 85 anos no momento da entrevista)

“Então a gente põe água para os passarinhos, pão para os passarinhos. Então aquilo fica lotado de passarinho. E é um dos momentos gostosos da minha vida de lazer. Assisto minhas novelinhas lá. Leio. E gosto muito de ler. E vendo palmito aqui em São Paulo. ” (Ângela Maria Rocco Prates da Fonseca, 87 anos no momento da entrevista)

“A hora que você para de sonhar você morre. Cada época da sua vida você tem um sonho. De repente eu tinha um sonho de casar com a Marellyn Monroy, de repente eu tinha um sonho de ter um Cadillac conversível. O que te mantém vivo é o sonho inatingido, é você procurar, você tentar realizar esse sonho para que você atinja o seu objetivo, mas esse objetivo sempre é inatingível, para que você continue buscando mais. É isso que move o mundo, é isso que cria essa coisa toda. ” (Luiz Carlos Leite Vallejo, 61 anos no momento da entrevista)

“Eu quero ter uma velhice saudável, que eu possa... Eu quero escrever um livro, eu quero escrever alguma coisa, entendeu? Eu quero viajar muito, ainda, porque eu adoro esses lugares exóticos, estranhos. Engraçado que eu não aproveitei no Equador, fazer pesquisas. Eu gosto dessa história. Eu gostaria de viver, assim, como a minha avó viveu. Morrer dormindo. Esse é meu sonho. E ter uma vida útil, não ficar assim, sabe? Parálitica. Eu quero viver a vida. Meu sonho é a vida. Poder viver, até o final, bem. Não interessa quanto tempo dure isso, não. Mas viver bem, como a minha avó viveu. ” (Maria Lucia Braz de Aguilera, 62 anos no momento da entrevista)

“Eu, ultimamente, ando pensando muito, precisávamos ter lá também um centro de cultura, um centro pra terceira idade, sabe? Vejo que os nossos idosos lá, eles ficam nos bares horas

e horas gastando o seu tempo, com a barriga encostada no balcão de um bar, tomando cachaça. Em vez de ter uma velhice sadia.... Tomando cachaça, conversando besteira. E não tem um trabalho lá voltado pra terceira idade. Um centro cultural pra ter objetos antigos dos moradores, sabe? Estar lá exposto pra quem quiser doar, fotografias e tudo, precisava ter isso lá. Não temos um Centro Cultural lá ainda e muitas coisas ainda precisa, muitos aparelhos precisamos, ainda. Mas para o que era, então é fantástico. ” (Averaldo Nunes Cordeiro, 66 anos no momento da entrevista)

“Eu voltei no ano passado. Março, dia 31 de março do ano passado eu voltei a estudar. Estou tentando ver se me seguro, mas o pior é que eu quero estudar e estou gostando da escola, porque eu não sabia certas coisas que hoje eu estou aprendendo. Então... mas ali, para mim, está ótimo. Eu acho melhor ali do que estar em casa, você acredita isso? ” (Paulo José dos Santos, 65 anos no momento da entrevista)

“Então comecei a me interessar pelas pessoas idosas porque eu também sou uma pessoa idosa, né? Eu posso até falar, como uma pessoa idosa, que a idade não possui fator de influência de abatimento da pessoa. A idade é algo muito proveitoso, porque a pessoa com idade, soma experiências, sabe mais agora do que sabia antes, se a pessoa começar a pensar positivamente na idade avançada, ela vai ter um grande prazer em ser uma pessoa idosa e não vai ficar sentindo como se a velhice fosse uma coisa ruim. Porque durante muito tempo se falou que o idoso era uma pessoa marginalizada, incapaz, impotente, uma pessoa que tinha sérios problemas da idade. E isso não é real. Tem muita gente idosa que eu conheço que está com saúde, cheio de energia, com uma capacidade incrível de trabalhar criando coisas. ” (Paulo Vassilieff – dados insuficientes para definir a idade)

“Fazer com que idosos, digamos, se conscientizassem da importância que eles têm no país. Porque, veja bem, o idoso conserva a tradição que está se perdendo. Coisas antigas que os jovens não sabem, porque já estão vivendo uma outra época. O jovem vai adquirir vantagens ao aprender aquilo que o idoso pode lhe transmitir. Então eu trabalho com idosos e jovens ao mesmo tempo juntas, ... Se a pessoa jovem acha que a velhice é uma idade ruim, que uma pessoa que é velha não vale nada, essa pessoa está gravando em sua mente uma ideia altamente negativa contra si próprio, ele vai viver e vai se tornar idoso, e ainda vai pensar a seu respeito o que ele hoje pensa dos seus avós.

É uma preparação psicológica para se [tornar] uma pessoa idosa e negativa. Ela tem que começar de jovem a valorizar o idoso e se aproximar dos idosos para compartilhar com eles experiência de vida. Agora o idoso deve compreender também que o jovem está em outra fase, em outra faixa etária, em outra época... Ele deve, então, ter tolerância com as mudanças

de costumes. Então a gente procura aproximar gerações, ao invés de conflito entre as gerações, promover a harmonia entre as gerações, o entendimento.” (Paulo Vassilieff – dados insuficientes para definir a idade)

Quarentei gosta de dizer que nós, seres humanos, temos quatro fontes de energia: o oxigênio, os alimentos, as relações e as realizações e que junto deles, nossas atividades e produções nos nutrem a alma. Por isso acredita que tanto importa que nossas potencialidades ganham visibilidade, ganhem mundo. (Quarentei, 2001)

Os trabalhadores do tempo e da memória, os recordadores, vivem a re-fazer, refletir, compreender o agora a partir de outrora, confrontar, investir e guardar esse tesouro coletivo de que é guardião, vivem a trabalhar para lembrar. Mas o que falta para que esses trabalhadores sejam reconhecidos e tenham a carteira assinada pela sociedade? Para Ecléa, a luta tem que ser pela recondução da memória à dimensão de um trabalho sobre o tempo e no tempo. (Bosi, 1994)

05. Considerações Finais

Este trabalho partiu de uma imensa vontade de colher, acolher e divulgar vidas abundantes de Tempo; vidas de pessoas velhas. Durante o processo de composição do trabalho, o próprio Tempo trouxe acontecimentos inesperados – como a pandemia – e se fez necessária uma adequação dessa vontade inicial.

Foi então que o Museu da Pessoa, essa tão potente estratégia de ação-reflexão, surgiu como possibilidade de instrumento para a continuação do trabalho.

Penso que o Museu da Pessoa, pôde nos mostrar, efetivamente, que oportunizar também a pessoas idosas um espaço e tempo de escuta, curadoria e publicização de histórias de vida, realoca o lembrar e a memória à condição de uma atividade humana – matéria prima da Terapia Ocupacional. Atividade humana essa que nos religa à existência viva dos idosos, a esse acesso às histórias vivas, quando existe um espaço que possibilite essa contemplação.

Para continuar pensando sobre o Museu, quero ainda destacar a fala de Joël Candau, quando diz que se identidade, memória e patrimônio são “as três palavras-chave da consciência contemporânea” poderíamos, na verdade, reduzir à

duas quando admitimos que o patrimônio é uma dimensão da memória. (Candau, 2021)

Acredito, que junto da proposta do Museu, essa fala se abra para um aspecto específico relativo às velhices, isso porque valida uma possibilidade de rel(ação) também com patrimônios vivos, evidenciando uma velhice real, em movimento para elaborar sua narrativa, lembrando, se organizando, se expressando, se emocionando, vibrando, ensinando, ocupando um tempo e um espaço; existindo. Existindo de forma materializada, refeita, preenchida e presente.

Como Bosi já afirmou anteriormente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época. (Bosi, 2003)

Gostaria de pedir licença para acrescentar então que feliz é o povo que abraça esses testemunhos vivos e reconstrói seus próprios comportamentos, diante da experiência já vivida e rememorada. E concluir afirmando que enquanto o fazer da Terapia Ocupacional estiver unido, como um Museu, à curadoria – ato, processo ou efeito de curar –, à memória-patrimônio e à memória-atividade de vida, esse fazer seguirá vivo em sentido e propósitos verdadeiros.

06. Referências

- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura**. Obras Escolhidas. Volume I. 5ª Ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- CARDINALLI, I. Conhecimentos da Terapia Ocupacional no Brasil: um estudo sobre trajetórias e produções. São Carlos. 2016.
- CARDINALLI, I; CASTRO, ED. Trajetórias Inventivas e Produção de Conhecimento: terapeutas ocupacionais e suas relações com arte, corpo e cultura. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro, 2019. v.3(4): 584-601.
- HAN, Byung-Chul **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise Qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2012, v. 17, n. 3, p. 621-626. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>>. Acesso em: 20 Julho 2022.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza e Guerriero, Iara Coelho Zito. Reflexividade como Éthos da Pesquisa Qualitativa. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2014, v. 19, n. 04, p. 1103-1112. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232014194.18912013>>. Acesso em: 20 de Julho 2022.

MUSEU DA PESSOA. **Museu da Pessoa. Org**, [S.l.]. Página Inicial – Sobre.

Disponível em: <<https://museudapessoa.org/>>. Acesso em: 11 de maio de 2022.

Narrativas e experiências: histórias orais de mulheres brasileiras. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

NASRI, Fabio. O Envelhecimento Populacional no Brasil. Einstein, v. 6, n. 1, p. S4-S6, 2008.

NERI, Anita Liberalesso. **Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. [seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago; tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago]. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como Arte da Escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

QUARENTEI, M. Terapia Ocupacional e Produção de Vida. Conferência de encerramento: VII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional. Porto Alegre, 2001.

RICCEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTHIAGO, Ricardo. MAGALHÃES, Valéria Barbosa. **Memória e Diálogo: escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral**. São Paulo: Letra e Voz: Fapesp, 2011.

TEIXEIRA, S., SOUZA, L., & MAIA, L. Ageísmo Institucionalizado: uma revisão teórica. Revista Kairós: Gerontologia, 21, 129-149; 2018. doi: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2018v21i3p129-149>

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.